MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar
2001 nº 217

INÊS
UMA HISTÓRIA ROMÂNTICA



Nasceu **Inês Emília de França** no ano de 1851, quando a Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá completava o sétimo ano de acesso ao título honorífico de cidade. A história de Inês mostra a coragem e a rebeldia de uma jovem romântica do século XIX.

Descendia de tradicionais famílias guaratinguetaenses: filha do Capitão Manoel Galvão de França Rangel - neto do Capitão-mor Antônio Galvão de França - e de Rosa Maria do Carmo de Oliveira, única irmã de três guaratinguetaenses notáveis:

- Cônego Joaquim Anselmo de Oliveira, o maior pregador da Província, um dos principais líderes do clero paulista, protagonista de um extraordinário fato ocorrido na antiga Vila de São Carlos (Campinas) **(1).**
- Vigário Antônio Martiniano de Oliveira, citado pelo historiador Augusto Emílio Zaluar, em sua Peregrinação pela Província de São Paulo, como um homem de 40 anos, com um semblante austero de São Jerônimo e por quem os ricos e pobres curvavam-se, involuntariamente, à sua passagem....
- Visconde Francisco Assis e Oliveira Borges, que, de modesto pintor e artífice, ao ingressar no comércio e na lavoura de café, veio a se tornar um dos potentados do Vale do Paraíba paulista...

Pelo lado paterno, Inês Emília vinha a ser sobrinha de **Frei Antônio de Sant'Ana Galvão**, o primeiro brasileiro a receber a glória dos altares, beatificado em Roma pelo Papa João Paulo II no dia 25 de outubro de 1998.

Com tantos parentes ilustres, por certo a personalidade de Inês Emília iria sofrer algumas modificações significativas, dignas de registro, o que realmente ocorreu em sua longa e tumultuada existência.

Cresceu em meio a uma irmandade numerosa constituída por cinco homens e cinco mulheres e por mais de duas dezenas de primos, filhos do único titular do Império em sua cidade natal: o Visconde de Guaratinguetá.

Como era hábito na época, por ocasião de epidemias na cidade, Inês partia com a família para temporadas na fazenda Senhora do Carmo "onde se refugiava o Visconde com os filhos, netos, sobrinhos e agregados durante os incontroláveis surtos de varíola, as temidas "bexigas" que assolavam Guaratinguetá..." A simplicidade da vida na roça animava-se com pescarias, caçadas, piqueniques, saraus e "assustados" (bailes domésticos) promovidos, diariamente, pela ala jovem, com cavalgadas até a Fazenda Fortaleza, nos contrafortes da Serra da Mantiqueira, quando Inês Emília se destacava dos primos e irmãos pela coragem e perícia com que cavalgava deixando para trás intermináveis fileiras de pés de café...

Era adepta da leitura, o que não era comum às mulheres no 2º quartel do século XIX, geralmente entretidas em bordados e crochês. Sua mãe, aos 14 anos, "como um novo farol da ilustração da mocidade guaratinguetaense" fora nomeada em 1832, para exercer o magistério público na vila em substituição à primeira mestra guaratinguetaense dona Antônia Francisca das Chagas, como informava a Câmara em ofício remetido ao Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, presidente da Província de São Paulo. O tio, futuro Vigário Martiniano, fora mestre de primeiras letras na juventude.

Aos 15 anos, **Inês Emília iria se apaixonar pelo Dr. Antônio Casemiro de Macedo Sampaio**, jornalista, fundador em 30 de janeiro de 1858, de um dos primeiros jornais do país e o primeiro de Guaratinguetá, O Mosaico. Este jornal recebia a colaboração de primos de Inês, também dedicados à literatura: Dr. Francisco de Paula Oliveira Borges, Dr. José Martiniano de Oliveira Borges, filhos do Visconde de Guaratinguetá, com artigos e sonetos românticos, como "Talvez não saibas"..., e "Por tuas tranças negras". Na primeira página, havia um folhetim lido avidamente por Inês: "Ernestina". Era esta a maior atração do periódico publicado duas vezes por semana.

Devido à grande diferença de idade entre Inês e Dr. Casemiro, ele já entrado em quase meio século, **viúvo** de dona Francisca Paula Nogueira,

com fama, embora restrita aos familiares, de envolvimento amoroso com mucamas da família, **os pais de Inês se opuseram, terminantemente, ao casamento,** embora, socialmente e politicamente, fosse um cidadão de prestígio: Promotor Interino da Comarca, Escrivão do Júri e Execuções Criminais, Deputado à Assembléia Legislativa Provincial. Foi até elogiado por Antônio Emílio Zaluar em sua passagem por Guaratinguetá em 1860, em sua "Peregrinação pela Província de São Paulo".

Na madrugada gelada do dia 06 de junho de 1867, enquanto todos do casarão da chácara da rua da Cruz Grande (Marechal Deodoro) dormiam placidamente, à luz de velas, pé ante pé, Inês Emília sai da alcova, atravessa a casa. Na cocheira monta o selim de banda da égua preferida e numa disparada, o chicote zunindo nas ancas do animal, deixa para trás o casarão ainda encoberto pela neblina, a Igreja Matriz, o solar do tio Chico, o Visconde. A caminho da Capela, no Morro Vermelho, passa pela Fazenda da prima Chiquinha (Francisca Galvão de França), numa fuga precipitada, desviando das tropas e dos romeiros. Avista finalmente, no alto do morro dos coqueiros, à extremidade do grande pátio quadrado e rodeado de casas, "a solitária capelinha da milagrosa Senhora da Aparecida, situada a pouco mais de meia légua adiante da cidade de Guaratinguetá". (Zaluar).

Para, exausta, no pátio da Capela. Entra precipitadamente na loja do tio Assis Borges (Visconde) onde, com o auxílio das primas, **troca o pesado traje de montaria pelo cetim adamascado do vestido de noiva**, conforme prévia combinação com Antônio Casemiro de Macedo Sampaio. Sem o consentimento e as bençãos dos pais, **Inês Emília casa com Antônio Casemiro na manhã gelada do dia 06 de junho de 1867**, na Capela de Nossa Senhora Aparecida. Frei Carmelo deu a benção ao casal fugitivo.

Na antiga rua dos Mottas (Prudente de Morais, atual nº 77) em um casarão forrado com esteiras, quintal amplo e arborizado com mangueiras, pés de araçá, abieiros, casa baixa de frente para a calçada de lages de pedra, o casal veio residir. A mobília da sala de visitas, em jacarandá, de sua casa, ainda permanece entre seus parentes.

Aí nasceram os dois filhos: Antônio Casemiro de França Macedo, poeta romântico, dedicado às letras e que faleceria aos 20 anos, quando estudante da Academia de Ciências Sociais e

Jurídicas do Largo de São Francisco, em São Paulo, com a moléstia típica do romantismo da época: a tuberculose; e a filha, a loura e atraente **Rosita**, companheira inseparável das primas, filhas do segundo casamento do Visconde de Guaratinguetá, Maria Augusta e Maria José (Nhá Zeca). Com elas Rosita aparece em históricas fotos tiradas ora na chácara do Marquês de São Vicente, na Praia do Flamengo, nº 12, no Rio de Janeiro, ora no solar da antiga rua da Figueira (Visconde), em Guaratinguetá, ou no casarão da rua Prudente de Morais. Nesta casa, Rosita morreria solteira, nonagenária, depositária das mais verídicas informações sobre a vida, morte e funerais da prima e amiga Maria Augusta, a lendária filha do Visconde de Guaratinguetá, de quem assistira, pessoalmente, ao longo e misterioso velório.

Mais um traço de rebeldia de **Inês** (Nhá Inês, para os íntimos): por ocasião da visita da Princesa Isabel e do Conde D'Eu a Guaratinguetá (de 7 a 23 de dezembro de 1868), enquanto todos da família recebiam aulas de etiqueta para as saudações ao ilustre casal, e por ter comparecido poucas vezes ao treinamento, no momento dos cumprimentos não se curvou como mandava a etiqueta, mas recebeu da representante real um sorriso compreensivo e um abraço amigo, o que a faria recordar sorridente esse incidente durante sua longa e solitária existência.

Conservou até seu falecimento, na década de 1930, um grande leque negro com um ramo de violetas e uma capa de veludo negra, rebordada de vidrilhos, com que compareceu ao lado do Dr. Casemiro ao jantar de despedida dos príncipes no solar do Visconde de Guaratinguetá, no dia 21 de dezembro de 1868, peças hoje em poder de pessoas da família. Na ocasião, pela primeira vez foi servido sorvete em Guaratinguetá...

Quanto ao **Dr. Casemiro**, com quem a jovem Inês fugira, em uma de suas viagens a França por lá ficara, constituindo nova família. Veio a falecer aproximadamente em 1880. A romântica Inês, desencantada e só, viveria de recordações da longa e tumultuada existência no casarão da rua Prudente, onde viria a falecer nos braços da filha Rosita, em uma tarde de verão, no ano de 1939.

Maria Isbella Maia Fabiano

Guaratinguetá, novembro de 2001.

1) O estranho milagre do Cônego Anselmo - monografia nº 113, do Museu Frei Galvão, da mesma autora.

Nota - Na foto, Inês Emília (sentada) ao lado se sua prima Anna Eulalia.